

ALTERNATIVAS PARA A CIDADE I

Capitaloceno e crise urbana: contradições e alternativas socioespaciais

Gustavo Nagib¹ e Katia Atsumi Nakayama²

Embora o debate entre membros da União Internacional das Ciências Geológicas, em 2024, resultou em rejeitar a oficialização do Antropoceno enquanto unidade cronoestratigráfica, este conceito generalizou-se no século XXI entre os mais diversos campos do conhecimento científico e correntes teórico-metodológicas empenhados em analisar os impactos que as atividades humanas provocam no sistema Terra. Paralelamente, outros conceitos surgiram a fim de complementar ou redirecionar a produção acadêmica, sobretudo a partir de uma abordagem crítica, estabelecendo razões mais específicas ou menos generalizantes para o atual quadro de crise ecológica, a exemplo do termo *Capitaloceno*, que adquire maior precisão ao apontar o capitalismo como o seu principal responsável e ao considerar os processos que perpetuam as desigualdades socioambientais. Reconhecendo-se a atualidade e a importância deste debate em suas diversas escalas – mundial, nacional, regional e local –, mas tomando-se a(s) cidade(s) e o urbano como centralidade analítica, é possível identificar um quadro generalizado de crises que dificilmente poderão ser superadas sem a tomada coletiva de consciência e de decisões que descoloniza práticas e discursos referentes à ideia de *natureza*.

Reunir os textos desta edição foi, antes de tudo, um exercício de leitura atenta e sensível. Chegaram trabalhos que contemplam uma ampla diversidade de abordagens, escalas e contextos, a exemplo das tensões e disputas em uma praça pública de Belo Horizonte, dos impactos de um parque eólico sobre comunidades Mapuche no sul do Chile, do tamponamento de um arroio em Pelotas, dos efeitos das mobilidades forçadas em uma província moçambicana etc. Ao longo da avaliação de muitos trabalhos preciosos, constatamos a recusa em tratar a crise ecológica contemporânea como resultado de uma humanidade abstrata. É a partir desta perspectiva que a natureza se converte em ativo, que a moradia se transforma em produto financeiro, que os rios continuam sendo tamponados pela perpetuação do urbanismo rodoviário e que o traçado do transporte coletivo expressa processos de invisibilização territorial. Contudo, as brechas também estão presentes e, nelas, as alternativas.

A palavra *alternativa*, presente no título deste dossiê – *Alternativas para a cidade e o urbano no Capitaloceno* –, não traduz uma expectativa de otimismo acrítico de nossa parte. Ela designa a possibilidade de insistir e resistir nestas brechas, de localizar práticas, saberes e insurgências a partir de pesquisas e experiências já em curso. Assim, organizamos este número 37 em quatro eixos principais: *crises e alternativas; natureza, território e conflitos socioambientais; habitação, precariedade e assentamentos; projeto, paisagem e mobilidade*. O conjunto é precedido por dois textos de autores convidados e encerrado por dois ensaios visuais. Os dois textos de autores convidados que abrem a edição tratam, cada um a seu modo, de ideias e práticas que nos conduzem a novos modos de experienciar o espaço urbano. Em **Os**

quintais que habitamos e que nos habitam: da invencionática à contaminação das cidades do Capitaloceno, Doriane Azevedo e Flora Monte Alegre Olmos Fernandez tomam o quintal como lugar e percorrem trajetórias que vão do chão batido da antiga Cuiabá às lajes de São Paulo. Este transbordamento encontra sua contraparte em **Entre picos: skate, apropriação e conflitos no espaço urbano da Arena Pantanal/MT**, de Guilherme Montanher Lucatto de Oliveira Silva, Diego Antonio Gomes de Sousa, Tatiana Francischini Brandão dos Reis e Katia Atsumi Nakayama. Onde as primeiras encontram poesia na miudeza, os segundos encontram disputa: os espaços livres do entorno da Arena Pantanal, resíduo de um grande projeto urbano da Copa de 2014, foram convertidos por skatistas em lugar de lazer e sociabilidade, para depois passarem por desmonte, realocação e apagamento.

O primeiro eixo deste número – *crises e alternativas* – reúne trabalhos que discutem as contradições do Capitaloceno e as possibilidades de transformação diante da crise ecológica. No artigo **Espaço em conflito e ontologias em disputa: o impacto das megaestruturas nas comunidades Mapuche do Chile à luz do *Buen Vivir***, Nátali Roberta de Sousa Nuss e Rodolfo Efrain Zelada Arenas questionam os efeitos das megaestruturas e o modo como elas incidem sobre territórios indígenas. Rossanna Prado Perez, por sua vez, em **Geopolítica do Capitaloceno: estruturação de consensos, biotecnologia e (algo de) patrimônio cultural**, amplia a escala da discussão ao questionar as relações entre geopolítica, mudanças climáticas e soberania dos Estados no contexto do Capitaloceno, discutindo o neoextrativismo a partir dos Consensos de Washington, dos Commodities e da Descarbonização.

O artigo de Daniel Pereyron, Anelis Rolão Flôres, Clarissa de Oliveira Pereira, Francisco Queruz e Gustavo Gonçalves Cougo, **Da cooperativa ao distrito criativo: uma potencialidade coletiva ameaçada de gentrificação**, recupera a história da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, fundada em Santa Maria e, a partir desta trajetória, os autores a interpretam como um modelo de produção coletiva do espaço urbano. Já os autores Gianluca Mascali Perseu, Tia Dianing Insani, Selma Joana Moreno Rivera e Thuli Ndlovu, em **The thickness of storytelling: making sense of the Capitalocene from the Global South**, deslocam a discussão para o próprio procedimento de pesquisa. A partir da oficina *In-Visible Walls*, realizada com pesquisadores da América Latina, da África e da Ásia, os autores tomam a narrativa e a montagem como dispositivos epistêmicos para a produção de conhecimento contra-hegemônico diante da crise ecológica contemporânea.

Três textos fecham este primeiro eixo. Mário Victor Marques Margotto e Clara Luiza Miranda, em **Habitar a terra: cosmotécnicas frente à des-futurização do design moderno**, partem das enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul para discutir a dimensão ontológica do projeto. Seguidos por Paula Marques Braga, em **Espaços de intermediaridade: entre estranhamentos e possibilidades**, que traduz o *in-between* de Bhabha para a arquitetura e o urbanismo a partir de pesquisa desenvolvida em Santa Fé, na Argentina. Já Jadyson Arthur da Silva, Ana Beatriz P. R. do Rêgo, Clarice Marina S. Maceno e João Felipe P. Cavalcante, em **A contrapaisagem dos entes e viventes: por uma metodologia anti-paisagística**, discutem as vulnerabilidades no ensino de paisagismo no que se refere à incorporação dos povos originários e seres mais-que-humanos como produtores de paisagem.

No segundo eixo – *natureza, território e conflitos socioambientais* –, Paula Mello Oliveira Alquati e Samuel Crissandro Tavares, em **Justiça ambiental e direito à cidade na superação do racismo ambiental brasileiro**, desenvolvem sua análise a partir da Amefricanidade e Confluências Afropindorâmicas. Já Gabriel Mateus Silva Leite, Paôla da Conceição Campos de Malta e Letícia Nörnberg Maciel, em **Mineração, deslocamentos e conflitos no Capitaloceno: a produção do espaço nos**

¹ Gustavo Nagib – Pesquisador do Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR). Bacharel e licenciado em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre e Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP).

² Professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Arquiteta e urbanista, Mestra e Doutora em Gestão Urbana pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

reassentamentos do Projeto Minas-Rio, analisam os deslocamentos compulsórios promovidos pela *Anglo American* em Alvorada de Minas e Conceição do Mato Dentro.

Isabela Fernanda Veiga e Wagner de Souza Rezende, em **Capitaloceno e o colapso dos modelos sustentáveis: uma perspectiva crítica da paisagem do Parque Estadual dos Pirineus em Pirenópolis/GO**, discutem os conflitos relacionados ao neoextrativismo no Cerrado e à desterritorialização de grupos minoritários no Parque Estadual dos Pirineus, cujos limites territoriais ainda não estão consolidados. Rosilene Oliveira Silva e Luana Pavan Detoni, em **Produção do espaço urbano e modos de habitar em territórios energéticos: Estudo etnográfico em Candiota/RS**, acompanham a cidade por meio de caminhadas etnográficas, diários de campo e leituras morfológicas, compondo um retrato das famílias corporativas, de sua convivência com poeira, fumaça e ruído, e da instabilidade aberta pela venda da usina.

Nos dois últimos textos deste segundo eixo, Isabela Teodoro Pinheiro, Miguel Ribeiro e Clara Luiza Miranda, em **Reestruturação urbana e apagamento hídrico em Cariacica/ES: o caso do rio Formate**, percorrem a supressão de um curso d'água desde as primeiras alterações jesuítas de traçado até a implantação da Rodovia Leste-Oeste, discutindo um processo de invisibilização. E Daniela Vieira, Livia Boyle e Valentina Betemps, em **Braço morto: rastros do arroio Santa Bárbara em Pelotas/RS**, cartografam um arroio aterrado no centro histórico e chamam de “rastrodeteção” o registro produzido pela “caminhografia urbana”.

O terceiro eixo – *habitação, precariedade e assentamentos* –, reúne oito artigos. Em **Crise climática, assentamentos precários e doenças: Jardim América/RJ**, James Miyamoto, Michele Henriques, Luis C. Domingues, Antonio Krishnamurti, Andréa de Vasconcellos, Rafaela Raffaele e Aruan Braga propõem a noção de “síndemia urbana” para descrever a interação entre riscos socioclimáticos, precariedade habitacional e insuficiência de saneamento, além de que a sobreposição de riscos físicos, ecológicos e sociais se compreende por abordagens participativas. Neste mesmo eixo, Natália dos Santos Petry, Luísa de Azevedo dos Santos, Luana Helena Loureiro Alves dos Santos e Nirce Saffer Medvedovski, em **Entre casas e águas: diagnóstico participativo habitacional, infraestrutura urbana e a natureza nas Doquinhas, Pelotas/RS**, aplicam diagnóstico participativo e identificam oportunidades para Soluções Baseadas na Natureza. E Bárbara Caetano Damasceno e Matheus Augusto Almeida da Silva, em **Produção (in)formal da cidade: territórios populares, periferização e dinâmicas habitacionais em Avaré/SP**, discutem a questão da informalidade na estrutura das cidades brasileiras.

Sara Rebello Tavares, Maciej John Wojciechowski e Kelly Roberta Ferracini, no artigo **Limites e alternativas do plano de trabalho social nos empreendimentos do Programa Minha Casa Minha Vida no contexto do Capitaloceno**, por sua vez, sistematizam a experiência desenvolvida em um residencial, onde o Desenvolvimento Comunitário Baseado em Ativos foi adotado como método e as hortas comunitárias e escolares se tornaram o resultado visível de uma tentativa de romper com a condição de “bairro dormitório”. Já Juliana de Oliveira Plá, Luísa de Azevedo dos Santos, Dara Elisa dos Santos Bandeira e Nirce Saffer Medvedovski, em **Avaliação pós-ocupação: unidades habitacionais na Vila Farroupilha em Pelotas/RS**, examinam vinte unidades entregues pelo programa estadual e mostram, por meio de entrevistas semiestruturadas, maquetes e cartas ilustrativas, como a rigidez do layout limita a apropriação e a adaptação ao ciclo familiar.

Completam este eixo outros três textos. No artigo **Crises humanitárias e modos de habitar em Cabo Delgado: Continuidades e rupturas no contexto do reassentamento**, Miguel Ribeiro, Clara Luiza Miranda e Liziane de Oliveira Jorge

analisam a sobreposição entre conflito armado e eventos climáticos extremos na referida província moçambicana e defendem que a reconstrução dialogue com a arquitetura vernacular e com as práticas de design social. No artigo **Crise urbana nas metrópoles e a urgência de habitação social: perspectivas entre Rio de Janeiro e Nova Iorque**, Ethel Pinheiro e Maria Lucia Vianna Pecly analisam lógicas habitacionais em duas cidades do capitalismo ocidental e ações de baixo para cima. E, no artigo **Mobilidades forçadas e alternativas urbanas: reassentamento e produção do espaço em Cabo Delgado no capitaloceno**, de Miguel Maria Ribeiro Da Silva, Clara Luiza Miranda e Liziane de Oliveira Jorge, retoma-se o território de Cabo Delgado para examinar a contradição entre os modelos oficiais de reassentamento e as práticas comunitárias.

O quarto eixo – *projeto, paisagem e mobilidade* – inicia-se com o artigo **O projeto urbano como instrumento mobilizador: explorando alternativas à crise urbana**, de André de Oliveira Torres Carrasco, no qual se discute o caráter crônico da crise urbana brasileira e os limites do planejamento diante dela, defendendo, assim, a revisão de categorias e procedimentos do projeto como mobilizador de setores não hegemônicos da sociedade. Na sequência, Janaina Almeida Stédile, em **A morfologia pública e o enclave global: notas sobre Bicocca e Porta Nuova**, analisa intervenções urbanas em duas antigas áreas fabris de Milão, evidenciando diferentes formas de produção do espaço e suas relações com as dinâmicas do capitalismo contemporâneo. Já o trabalho de Lauhana Amanda Kern, Eric Fassina, Daiane Regina Valentini e Renata Franceschet Goettems, intitulado **Projetar com a paisagem: novos paradigmas para o projeto de urbanismo no século XXI**, volta-se ao estudo de uma unidade de paisagem na borda urbanizada de Erechim, a partir de metodologias de análise da paisagem e da proposição de diretrizes de intervenção urbana.

Os três últimos artigos exploram relações entre corpo, movimento e deslocamento. Vitor Giulianetti Barros e Evandro Fiorin, em **Caminhar na cidade do Capitaloceno: cartografando uma praça de Belo Horizonte**, cartografam uma praça no centro de Belo Horizonte a partir do caminhar e do parar, e propõem que a pausa deliberada provoca um desvio na engrenagem da cidade. Rogério Penna Quintanilha, Antônio Gabriel Alves Júnior, Thuani Domingues de Souza Moraes e Vinícius Vieira dos Santos, em **A comunidade da Barra e o direito ao transporte em Pelotas/RS**, apresentam a realidade de uma comunidade pesqueira tradicional, marcada pela ausência de acesso regular ao transporte coletivo e pela luta pelo reconhecimento de suas necessidades, saberes, história e existência. Ryane Moreira Barros, Carlos Lobo e Leandro Cardoso fecham este eixo com o artigo **Mobilidade a pé e envelhecimento: a caminhabilidade segundo a perspectiva da pessoa idosa de Belo Horizonte/MG**, que, a partir da escuta de pessoas idosas em grupos focais, discute os desafios da caminhabilidade na capital mineira.

Encerramos este número 37 com duas séries fotográficas. Em **As imagens e a impotência da imaginação: o Parque do Ingá como canteiro de obras**, Amanda Cari Fatur e Luciano Bernardino da Costa percorrem o referido parque de Maringá e encontram marcas de pneu na terra, faixas interditando trilhas, uma estátua de tucano atrás do isolamento: o “Canteiro de obras”, de Walter Benjamin, lhes serve ao mesmo tempo de metáfora e de método para se aproximar de um espaço em vias de imobilização. Em **Travessias que fazem paisagem**, Gabriela Kehrwald reúne fotografias feitas em Rondonópolis durante o processo de trabalho final de graduação. Entre viadutos, o rio Vermelho e corpos que atravessam concreto suspenso, a autora apresenta “como a infraestrutura corta”, “como o verde resiste” e como “a vida insiste em continuar”.

Há muito mais a explorar. Continuamos no número 38. Boa leitura!